

Sínodo e Mesa, sino e batuque.: Discursos diocesanos e as tensões religiosas na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos de Florianópolis (1910-1930)

Michelle Maria Stakonski¹

Resumo: O presente trabalho busca observar algumas tensões das teias de relações forjadas no interior da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos no período de 1910 a 1930, época em que Igreja Católica passava por uma reforma estrutural, que a transformaria em uma das principais instituições disciplinares da Primeira República. Esta pesquisa pretende colaborar para a compreensão de alguns aspectos das práticas culturais e associativas das populações de origem africana, contribuindo, deste modo, para dar visibilidade às experiências de africanos e seus descendentes catarinenses no que tange as resistências e táticas de sobrevivência da cultura religiosa destas populações no seio de uma instituição religiosa católica e leiga em meio ao cenário da pós abolição na Florianópolis republicana. A capital catarinense reverberava anseios de modernidade nas mais variadas esferas da vida dos sujeitos, inclusive na religiosa, personificada pela ação normatizadora da Romanização do catolicismo e nas estratégias de perseguição da instituição-símbolo do modo de vivência religiosa (híbrida) da sociedade em moldes coloniais: As irmandades leigas.

Palavras-chave: Irmandades de africanos; catolicismo; *Romanização*; *sínodos*.

O tema deste trabalho diz respeito ao estudo de algumas tensões e teias de relações forjadas no interior da *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos*² no período de 1880 a 1920, época em que Igreja Católica passava por uma reforma estrutural, que a transformaria em uma das principais instituições disciplinares da Primeira República. Neste sentido o presente trabalho é apresentação do projeto de dissertação desenvolvido a partir da análise da documentação do acervo Irmandade de africanos acima citada e dos sínodos diocesanos de 1910 e 1919 e 1925. A partir da análise deste *corpus documental*, interessa-nos vislumbrar os esforços e os mecanismos utilizados pela Igreja Católica no anseio de remodelar e normatizar manifestações, posturas e práticas devocionais de cunho popular no interior da instituição leiga, de forma a observar (re)significações - das práticas devocionais populares e mágico-religiosas - decorrente da Romanização Catolicismo em Florianópolis.

¹ Mestranda do curso de História do PPGH/UDESC, bolsista do convênio FAPESC/CAPES. Pesquisadora NEAB/UDESC.

² A irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos é uma associação leiga, católica situada em Florianópolis. Durante os anos de 2005 a 2007 foi alvo do estudo do Projeto de Pesquisa intitulado: *Irmandades e Confrarias Católicas de Africanos e Afrodescendentes em Desterro no século XIX*, Projeto de Pesquisa PROBIC tendo como orientador o Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso .

O projeto aqui apresentado é fruto de dois anos de pesquisa como Bolsista de Iniciação Científica do Projeto *“Irmandades e Confrarias religiosas de africanos e afrodescendentes em Desterro no século XIX”*, sendo um dos produtos finais o trabalho de conclusão de curso *“Da Sacristia ao Consistório: tensões da Romanização na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos de Desterro/Florianópolis (1880-1910)”*.

Deseja-se observar a Irmandade a partir da documentação escrita pelos irmãos, espaço de sociabilidade ambíguo, palco de resistência e autonomia leiga; bem como de normatização e controle, que possibilitava de relações de reciprocidades verticais e horizontais. Tal investigação intenta vislumbrar em um espaço micro - *A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos* - reverberações dos esforços da Igreja Católica em remodelar e normatizar manifestações, posturas e práticas devocionais de cunho popular.

Estes esforços, oriundos do projeto de Romanização, aliavam-se perfeitamente ao afã modernizador em que o país passava em meados da Primeira República, no sentido em que elites civis e hierarquia clerical buscavam reformular condutas e sociabilidades. Em Santa Catarina, tal fenômeno de Romanização do catolicismo pode também ser caracterizado pela germanização do clero e pela atuação da Igreja Católica como co-produtora de uma ordem política republicana.

Ao identificar as tensões do processo de modernização e de instituição de um *novo modo de vida*, em um espaço micro - no caso no seio de uma instituição católica e leiga da cidade de Florianópolis, contempla-se um processo marcado pelo caráter civilizador, que visava cultivar *“novos hábitos, pois os costumes em vigor não lembravam uma capital ‘civilizada’, segundo o modelo da época”* (SERPA, 1997).

Importa, neste sentido enfrentar alguns marcos interpretativos que, *“de um ou outro modo, estabeleceram limites que configuram a imaginação sobre o passado da cidade”*³. A presença do africano, invisibilizada por certo projeto político que viria a tentar normatizar a população em práticas, hábitos e comportamentos adequados a uma cidade civilizada, traçada longe das amarras de uma sociedade colonial, fazia parte das preocupações das elites dirigentes no início do século XX e constituía um dos pilares do empenho na organização de uma nova Florianópolis.⁴

O presente estudo busca trabalhar com a presença destes personagens no cotidiano da cidade, para tanto utiliza-se o conceito “afrodescendente” como categoria de análise. Ao trabalharmos com este conceito estamos retirando das populações de origem africana o peso

³ CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. Negros em Desterro. Dissertação (doutorado em história) 2003.

⁴ Idem. P. 03

de serem estudadas apenas a partir da abordagem jurídica de escravo. Sob este aspecto, em se tratando do estudo das irmandades e confrarias de africanos e afrodescendentes, Julita Scarano frisa um ponto importante:

Dessas organizações, as de negros oferecem ao meu ver, redobrados interesse. Congregando os homens de cor, possibilitam o conhecimento do escravo em situação diferente da que lhe é autorizada através de suas relações de trabalho, abrindo caminho para uma abordagem nova.⁵

Sua reflexão nos ajudou a delimitar os termos, a partir dos quais buscamos apreender as experiências de africanos e afrodescendentes em detrimento das noções outrora consolidadas de “raça”, “identidade”, “etnia” e “tradição”. Vislumbrar as experiências destas confrarias permitem o estudo do cotidiano, das redes de sociabilidades, das reciprocidades, e no caso estudado das tensões sofridas com as tentativas de implementação de um *Catolicismo Romanizado*⁶ em um espaço leigo, seio de práticas devocionais de cunho popular de um *Catolicismo Tradicional*, e de um catolicismo negro. Esse desejo perpassa visões de branquitude e de modernização da sociedade e o projeto da igreja estava atrelado aos ideais das elites civis em Santa Catarina.

É no afã modernizador em suas mais diversas esferas, no caso estudado, na esfera do espiritual (representado pelo projeto de romanização do catolicismo que ia ao encontro ao projeto modernizador em Santa Catarina) que podemos situar o desejo de transformar a antiga Desterro em uma Florianópolis que trilharia seu caminho para longe das amarras de uma época colonial. Esse desejo perpassa um corolário de percepções de visões de branquitude, de modernização da sociedade e do atrelamento dos ideais das elites civis e hierarquia religiosa em Santa Catarina a fim de prover um reordenamento da sociedade.

O imaginário religioso, associado a problemáticas econômicas, sociais e políticas serviu de campo de disputa para os partidários de uma nova ordem que se articulada às perspectivas do mundo moderno, branco, e racionalista. Assiste-se, ao que parece, a um estranhamento de costumes, invenções e (re)presentações das práticas populares, tornadas arcaicas, atuando de diferentes maneiras com o intuito de negá-las ou reformula-las.

⁵ SCARANO, Julita. *Devoção e Escravidão. A Irmandade e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII* 2.ed. Ed.São Paulo.: Ed. Nacional, 1978 p. 1

⁶ Sobre os conceitos de *Catolicismo Tradicional* e *Catolicismo Romanizado* ver. OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Catolicismo popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro*, in Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 36, face. 141 Março de 1976. P. 131. Os termos, aqui aplicados, que definem os catolicismos serão perscrutados no primeiro capítulo do presente trabalho. P. 23-32.

Como dito anteriormente, a presença do africano, invisibilizada por certo projeto político que viria a tentar normatizar a população em práticas, hábitos e comportamentos adequados a uma cidade civilizada, traçada longe das amarras de uma sociedade colonial, fazia parte das preocupações das elites dirigentes no início do século XX e constituía um dos pilares do empenho na organização de uma nova Florianópolis. (CARDOSO, 1998) Ao longo do século XIX, as irmandades e confrarias leigas de africanos e afrodescendentes (em Desterro eram três, Nossa Senhora do Parto, do Rosário e da Conceição), constituíram-se em espaços ambíguos de controle e autonomia da populações de origem africana. Concebidas como lugar normativo, de estímulo a assimilação de valores culturais da sociedade colonial, estes espaços de exercício de um catolicismo leigo e popular, também foram transformados em lugares de sociabilidade e de invenção de visões da liberdade.

As manifestações religiosas, presentes no cotidiano e imaginário das populações luso e afro-brasileiras no Brasil colonial ocupavam importância considerável na sociedade e revelam uma maneira singular de relacionar-se com o sagrado.⁷ No âmbito da religiosidade popular, a devoção a santos e santas, procissões, benzeduras, festas e promessas, eram práticas recorrentes e legítimas de um catolicismo onde os leigos assumiam posição de destaque nas atividades religiosas⁸. Tal estrutura devocional vista como uma manifestação cultural foi preponderante só entrando em decadência em meados de 1880.⁹

O catolicismo marcado pelas manifestações externas de fé, missas pomposas cantadas por corais e orquestras, procissões festivas, funerais grandiosos¹⁰, e veneração santoral é um “quadro” legítimo da época em que o padroado faz-se a estrutura mais presente na esfera espiritual da sociedade brasileira. Esse perfil devocional sugere, em um primeiro momento, que a estrutura religiosa - oficial e não-oficial - implementada no Brasil, não se caracterizaria por introspecções e exercícios de piedade individuais. Muitas das características das práticas devocionais luso-brasileiras dos tempos do descobrimento até a primeira República, têm como ênfase os atos exteriores de culto como as procissões e festas.

⁷ AZZI, Riolando. *Elementos para a história do Catolicismo popular*. In Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 36, face. 141 Março de 1976 P. 100.

⁸ O catolicismo será perscrutado neste trabalho como modalidade do cristianismo exercida pela Igreja Católica Romana Universal. O nome “católico”, aplicado a partir do século XVI, indica fiéis e as instituições que reconhecem a autoridade do bispo de Roma. AZEVEDO. Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de Nomes, termos e conceitos Históricos*. 3. ed. ampl. E atualizada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. P.96. Devido a ação do padroado o catolicismo implementado no Brasil é caracterizado, entretanto, pela pouca influência do bispo de Roma, que passa a ter mais influência no catolicismo brasileiro à partir de meados da Proclamação da República.

⁹ BEOZZO, Oscar. 743.

¹⁰ Para João José Reis os funerais realizados pelas irmandades podem ser analisados enquanto “festas fúnebres”. REIS op. Cit. P. 49

Em se tratando de um estudo dessas estruturas leigas, suas práticas, devoções e peculiaridades no período colonial, insere-se a análise de um catolicismo, denominado pela historiografia como tradicional, ou ainda, de cunho popular¹¹. As Irmandades, instituições de origem portuguesa, são consideradas símbolo desse catolicismo popular, pois seus membros, os irmãos, eram pessoas comuns de origem leiga. A autonomia dos irmãos leigos e o status dessas agremiações católicas eram visíveis, dentro deste contexto, insere-se as agremiações destinadas aos irmãos de origem africana.

Considerado um fenômeno de raízes medievais tais agremiações tiveram “*importância crucial na vida do catolicismo brasileiro*”¹². Segundo Caio Boschi as irmandades, além das suas atribuições da esfera do espiritual, propunham-se a facilitar a vida social, desenvolvendo inúmeras tarefas que, pelo menos em princípio, seriam da alçada do poder público. Esta intermediação do contado Estado-Igreja proporcionada pelas irmandades, fazia dessas associações expressão orgânica e local, “*representavam o canal privilegiado de manifestação numa sociedade onde a livre formação de entidades políticas era proibida como condição básica para a própria existência do sistema colonial.*”¹³

Enquanto em um catolicismo de cunho popular, a ênfase e a singularidade das relações com o sagrado permeiam-se pelo hibridismo e pela forte presença do leigo nas manifestações religiosas, a tentativa de construção de um conceito de Catolicismo Romanizado evidencia sua vinculação a Sede Romana (AZZI, 1976). Neste sentido, no Catolicismo Romanizado, a interferência da religiosidade enfatiza a transformação pessoal, a partir dos sacramentos. A ênfase no culto eucarístico, no catecismo, no batismo, confissão, e casamento regulamentado, visando à moralização da família e do indivíduo passa a ser característico do discurso do clero em detrimento das manifestações de devoção santoral, festejos e demais ritos públicos. A modificação tem que partir das posturas morais pessoais, a “salvação” é almejada individualmente, e para alcançá-la é preciso merecer pela dignidade.

Na capital catarinense no século XIX, segundo o historiador Norberto Dallabrida (2001), a preponderância leiga na religiosidade era presente, vide a presença das irmandades como a de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. Os padres tinham função secundária tanto na organização das irmandades leigas como na realização das práticas devocionais e festivas, era os leigos que assumiam a administração de irmandades e festas, contratando padres para celebrar cultos, fazer o sermão e rezar missas.

¹¹ AZZI, Riolando. Op. Cit. P. 95

¹² BEOZZO, op. Cit. p. 747

¹³ BOSCHI, Caio. Op. Cit. p. 3

Durante a Primeira República a Igreja Católica passou por uma reforma estrutural, que a transformaria em uma das principais instituições disciplinares (DALLABRIDA, 2001). O catolicismo luso-brasileiro, que ainda predominava em Florianópolis no início do Regime Republicano, representado principalmente pelas irmandades, foi gradualmente ressignificado visando desestruturar as práticas devocionais leigas e instaurar manifestações mais sacramentais na esfera do espiritual. Ou seja, as festas, procissões e práticas típicas de um catolicismo onde os leigos eram os principais protagonistas foram paulatinamente sendo deixadas de lado pelos clérigos que visavam normatizar as práticas de culto, visando maneiras mais “civilizadas” e individuais de culto ao divino.

Este modo mais “austero” de catolicismo procurava produzir fiéis disciplinados e submissos à hierarquia clerical e civil. Sob este contexto a chamada “elite local” contou com o apoio da Igreja Católica, que atuaria de forma a ser “arauto” de regras de moralização e normatização de posturas para os fiéis da capital catarinense. (SERPA, 1997) As práticas devocionais deixavam as ruas e partiam para dentro das igrejas. A prática dos sacramentos, que deveriam ser ministrados exclusivamente pelo clero, substituíam as rezas das benzedadeiras; os corais começaram a ser as vozes que embalariam os cultos em detrimento das orquestras, dos “instrumentos de metal” e dos batuques festivos das procissões.

No catolicismo luso-brasileiro da cidade de Florianópolis, as irmandades leigas, com suas respectivas igrejas, congregavam diferentes segmentos da sociedade e eram administradas por mesas diretoras, constituídas por leigos, estas mesas tinham autonomia no que concernia as atribuições espirituais e temporais das confrarias

No final do séc.XIX e até meados de 1920, com o impacto das políticas ultramontanistas - e no contexto de Santa Catarina, de germanização das elites eclesiásticas - com o conseqüente combate as praticas “mágico-religiosas” e do hibridismo cultural existentes no catolicismo popular - as irmandades e confrarias se distanciaram das experiências culturais das populações de origem africana. (CARDOSO, 1998) É possível que uma certa perda de legitimidade seja reflexo do oferecimento por parte do Estado de uma serie de serviços públicos, entre eles o de providenciar um enterro descente aos mortos, atitudes que colaboraram para o esvaziamento desta antigas formas de associação de forte cunho “assistencialista”. Entretanto o principal motivo do esvaziamento destas confrarias religiosas deu-se pelo estímulo da vinda de ordens religiosas que substituíssem as agremiações de autonomia leiga, tais como o Apostolado da Oração.(SERPA, 1997)

Esta pesquisa pretende colaborar para desvendar aspectos importantes das práticas culturais e associativas das populações de origem africana, contribuindo, deste modo, para dar

visibilidade às experiências de africanos e seus descendentes catarinenses no que tange as resistências e táticas de sobrevivência da cultura religiosa destas populações no seio de uma instituição religiosa católica e leiga em meio ao cenário da pós abolição em uma Florianópolis republicana.

A fim de melhor compreender as tensões que permearam o fenômeno de Romanização do Catolicismo pretende-se analisar os discursos da Igreja presentes nos Sínodos Diocesanos; de 1910, 1919 e 1925 que incluíam a tentativa de desarticulação das irmandades na cidade de Florianópolis, a proibição de reuniões das Mesas Administrativas sem a presença do clero, a proibição de missas festivas com cantos e batuques, e a normatização de procissões e de festas a fim de excluir elementos considerados de origem africana nas celebrações.

Também pretende-se estudar de modo mais profundo uma briga envolvendo irmãos de origem afro da irmandade e o padre Francisco Topp, tal briga resultou a mudança de várias cláusulas do compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário - que continuava o mesmo desde 1842 sendo modificado em 1905-, incluindo uma cláusula que previa que os bens da irmandade caso fosse extinta ficariam para a diocese.

Outro ponto a ser estudado são os bilhetes do padre Francisco Topp bem como demais tensões como o caso da expulsão do irmão Nolasco sob a acusação de emprestar alfaia religiosas para reuniões da Maçonaria, e a perseguição e expulsão de membros maçons da irmandade do Rosário

Como contra ponto damos voz aos irmãos do consistório, os irmãos da irmandade, a fim de mostrar pelos discursos presentes nos livros ata - e demais livros pertencentes ao acervo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário-, os discursos e as modificações práticas que podem ser observadas nas eleições, nos termos de Mesa, nos conflitos, nas resistências, nas teias de reciprocidades e de relações de poder moldadas dentro da instituição no período em que a igreja Católica esforçava-se no intento de normatizar as práticas atraindo para Florianópolis padres germânicos que fossem consoantes ao projeto de Romanização das práticas devocionais.

A capital catarinense reverberava anseios de modernidade nas mais variadas esferas da vida dos sujeitos, inclusive na religiosa, personificada pela ação normatizadora da Romanização do catolicismo e nas estratégias de perseguição da instituição-símbolo do modo de vivência religiosa (híbrida) de uma sociedade colonial: As irmandades.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. *O Império do Divino. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ALVES, Elza Daufenbach. *Nos bastidores da cúria desobediências e conflitos relacionais no intraclo(1892-1955)* Florianópolis
- ALVES, Márcia. *Entre a folia e a sacristia: as (re)significações e intervenções da elite clerical e civil na festa do divino em Florianópolis (1896-1925)*. 1999. Dissertação (Mestrado em História).
- AZZI, Riolando. *Elementos para a história do Catolicismo popular*. In Revista Eclesiástica Brasileira vol 36, fasc. 141 – 1976.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabalais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BEOZZO, José Oscar. *Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada*. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 37, fasc. 148, Dezembro de 1977.
- BOSCHI, Caio César Os *Leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*, São Paulo, Ática, 1986
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2000.
- CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *Negros em desterro. Experiências de populações de origem africana em Florianópolis, 1860/1888*. Tese de Doutorado na PUC/SP. São Paulo, 2004.
- DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*. Projeto História. São Paulo, n.17, p.223-258, nov. 1998.
- ISAIA, Artur Cesar. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- MÜLLER, Liane Susan. *As contas do meu Rosário são balas de artilharia: Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre, 1889-1920*. Dissertação (mimeo)
- MORTARI, Cláudia. *Os homens pretos do Rosário: Um estudo sobre a Irmandade do Rosário*. Porto Alegre, 2000. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. *Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro*. Revista Eclesiástica Brasileira. vol. 36, fasc. 141, p. 131- 141. Março de 1976.
- QUINTÃO, Antônia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência, 1870-1890*. São Paulo: USP, 1991. Dissertação de Mestrado.
- QUINTÃO, Antônia. *Lá vem o meu parente. As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII)*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX*. São Paulo. Cia das Letras, 1991.
- SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e poder em Santa Catarina*. Florianópolis: EDUFSC, 1997
- SIMÃO, Maristela dos Santos. *La Vem o dia a dia, La vem a Virge Maria, agora e na hora da nossa morte amem*. 2006. (mimeo) monografia UDESC.
- SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da Cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Rogério Luiz: *Uma Raça Mista, Uma Sociedade Homogênea: O projeto étnico do catolicismo em Santa Catarina*. Revista Fronteiras: Revista Catarinense de História. Florianópolis: UFSC, v. 7, p. 73-88, 1999.

TAVARES, Mauro Dillmann. *Irmandades religiosas, Devoção e Ultramontanismo em Porto Alegre no Bispado de Dom Sebastião Dias Laranjeira (1861-1888)* (mimeo) dissertação UNISINOS

THOMAS, Keith. *Religião e o Declínio da Magia*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WERNET, Augustin. *Antigas irmandades e novas associações religiosas*. Revista da SBPH. Curitiba, 1992

WERNET, Augustin. *A igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987.